

Ethos e antiethos na rede social Facebook

Izilda Maria Nardocci

Karlene do Socorro da Rocha Campos

Introdução

O uso dinâmico das tecnologias digitais proporciona a constituição de grupos de pessoas que não vivem no mesmo espaço geográfico, nem sempre têm vínculos formais entre si, mas compartilham interesses comuns, cujos membros se conectam por meio de um computador com internet, para dividir interesses específicos em um espaço que não é físico – o ciberespaço.

Evidenciam-se, então, as redes sociais, que propiciam aos seus usuários a construção de um perfil que pode ser compartilhado com outros participantes. Trata-se de um ambiente dinâmico, cuja característica principal é transmitir informação em uma velocidade bastante acelerada. Entre elas, destaca-se o Facebook, criado em 2004 e que hoje abriga, aproximadamente, 3,07 bilhões de usuários ativos, número que representa 37,81% da

população global e 59,38% do total de usuários de mídias sociais em todo o mundo.¹

Nesse contexto, as pessoas desempenham papéis visando à adesão de seus interlocutores em relação à imagem que projetam de si próprios. No Facebook, o usuário pode se valer, entre outros elementos, dos *posts* que publica, dos comentários e das curtidas que apresenta para construir uma representação de si. Seus amigos, por sua vez, podem reproduzir tais ações em seus *feeds*, não só concretizando a imagem projetada pelo enunciador, mas também evidenciando a representação que constroem de si próprios nas interações realizadas em suas redes de comunicação. Com Pereira (2016, p. 24), consideramos que “um usuário, ao compartilhar um *post*, inicia uma *performance* e se coloca em um palco, cuja plateia é constituída por aqueles que fazem parte de sua rede”.

As redes sociais permitem que os usuários se valham, entre outros aspectos, de pesquisas sobre os comentários e as curtidas dos interlocutores para obter informações a seu respeito por razões práticas, por exemplo, desenhar o seu perfil profissional ou verificar se eles compartilham dos mesmos interesses e afinidades. Diante de tais pressupostos, neste capítulo temos como objetivo refletir sobre o modo como ocorre a construção da imagem da ministra do meio ambiente Marina Silva no Facebook, com base em um texto postado por ela sobre sua participação no VIII Congresso Internacional de Educação Ambiental de Países e Comunidades de Língua Portuguesa, realizado em Manaus, Amazonas, entre 21 e 25 de julho de 2025. Além do texto proferido pela ministra, analisamos os comentários dos leitores para melhor compreendermos a relação entre imagem emitida e imagem transmitida (Goffman,

1 Dados referentes a 25/02/2026, extraídos do *site Demandsage*. Disponível em: <https://www.demandsage.com/facebook-statistics/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

2002). Para refletirmos sobre a construção do *ethos* no Facebook, tomamos como referencial teórico a noção de *ethos* apresentada por Maingueneau (2005, 2008, 2020); o conceito de cenografia de Maingueneau (2005, 2008, 2020) e a noção de representação do eu postulada por Goffman (2002).

O capítulo divide-se em três partes, além desta introdução e da conclusão. Na primeira, tratamos da representação do eu à luz dos estudos de Goffman (2002); na segunda, dissertamos sobre o *ethos* discursivo com base nas pesquisas de Maingueneau (2005, 2008, 2020). Na terceira, refletimos sobre a construção do *ethos* no Facebook.

Representação do eu

As noções de representação do eu e de face postuladas por Goffman (2002) contribuem sobremaneira para o estudo do *ethos*, que emerge da construção das identidades discursiva e social. Assim, nas esferas da vida cotidiana o sujeito apresenta uma imagem de si com base no objetivo da interação, na qual, como um ator, se vale de uma personagem que nem sempre será a mesma, transformando-se a cada contexto. O autor assinala que o indivíduo é mobilizado pela necessidade de manter uma definição da situação, com base nas contingências de sua representação no palco, e destaca que o “eu” é um efeito dramático, revelando-se na cena apresentada:

Em presença de outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros. Pois se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os

outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir. (Goffman, 2002, p. 26-27)

Goffman explica que em processos de interação face a face, quando uma pessoa se coloca na presença de outras, estas procuram, de modo geral, obter informações a seu respeito ou trazem à tona o que já sabem sobre ela. Interessam-se, por exemplo, pela sua situação socioeconômica, pela sua profissão, pela sua situação afetiva para que possam, com antecedência, definir uma determinada situação e, com isso, ser capazes de saber o que a pessoa observada espera delas.

Considerando que a pessoa seja desconhecida, as informações podem ser obtidas com base em sua conduta e aparência. Para isso, os observadores podem orientar-se por indicações que lhes permitam utilizar a experiência que já tiveram com outras pessoas parecidas, ou orientam-se aplicando estereótipos não comprovados. Podem supor também, tendo em vista a experiência passada, que somente pessoas de um determinado tipo são encontradas em um dado cenário social, ou podem confiar no que é dito pela pessoa ou em documentos apresentados que comprovam quem ela é (Goffman, 2002).

Se a pessoa, porém, é conhecida ou é alguém de quem já se tem alguma informação em virtude de uma experiência anterior à interação, os observadores podem confiar nas suposições referentes à persistência e generalidade dos traços psicológicos como forma de antecipar o comportamento presente e futuro dessa pessoa. Além das situações mencionadas, durante o período em que uma pessoa está na presença imediata de outras, podem ainda ocorrer situações em que a pessoa observada forneça aos seus observadores, de maneira direta, a informação de que precisam para conduzir com eficiência a atividade interacional (Goffman, 2002).

De modo geral, ao nos depararmos com discursos produzidos no Facebook – principalmente por pessoas desconhecidas –, procuramos, em um primeiro momento, levantar informações sobre o seu autor: qual a instituição em que trabalha, onde concluiu os estudos, qual a sua idade, quais as suas preferências literárias, quais os filmes e as páginas que ele curte, qual o teor de seus comentários em relação a determinado tema, entre outros fatores. Dessa forma, iniciamos um processo de representação de nosso enunciador, que poderá se confirmar ou ser descartado no momento em que interagimos com ele.

Atualmente, diversas questões relativas à representação do eu ocorrem em situações de interação mediadas por computador, principalmente em redes sociais, que potencializam conexões entre diferentes sujeitos. Nesse ambiente, as pessoas esforçam-se por criar estrategicamente imagens de si, no intuito de impressionar os interlocutores, procurando mobilizá-los para validar sua *performance*. Os comentários no Facebook, especificamente, vêm logo abaixo de um *post* publicado e consistem em ações que prestigiam ou não a publicação, indicando a concordância ou a discordância com as ideias apresentadas.

Goffman (2002) assinala que a capacidade de criar uma impressão envolve duas atividades radicalmente diferentes: a expressão transmitida e a expressão emitida. A primeira refere-se aos símbolos verbais que a pessoa emprega de forma proposital e tão somente para veicular informação que ela e as outras sabem estar ligada a esses símbolos; trata-se da comunicação no sentido tradicional. A segunda inclui um amplo conjunto de ações que as outras pessoas podem considerar sintomáticas da pessoa observada, concluindo que a ação foi levada a efeito por razões diferentes da informação transmitida.

Ele ressalta que a interação, muitas vezes, é resultado de uma série de inferências, que não podem ser analisadas apenas da

perspectiva das pessoas que observam; é necessário também considerá-las da perspectiva da pessoa que é observada. Afinal, esta última pode desejar que seus observadores pensem bem dela, ou que percebam seu esforço para assegurar harmonia na interação. Por outro lado, pode desejar confundi-las ou induzi-las a um erro, controlando o modo como vão tratá-la.

O controle sobre a conduta das outras pessoas é exercido, muitas vezes, pelo modo como o sujeito se expressa em uma situação comunicativa. Ele pode, por exemplo, expressar-se de tal maneira que o interlocutor terá a impressão de que está agindo por vontade própria. Em outras palavras, quando uma pessoa se aproxima de outras, atua de maneira a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir. Goffman denomina fachada o movimento de alguém que procura definir uma situação comunicativa e a considera um dos componentes da representação do eu:

Venho usando o termo “representação” para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. Será conveniente denominar de fachada a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (Goffman, 2002, p. 29)

Reiteramos, aqui, que o indivíduo procurará projetar uma imagem de si com base em suas intenções comunicativas, agindo como um ator que performa uma representação para causar uma impressão diante de sua plateia (Goffman, 2002).

Para Goffman, a fachada compõe-se de partes padronizadas: cenário, aparência e maneira. O cenário corresponde às inferências decorrentes de fatores tais como idade, sexo, características raciais, altura, vestuário, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais. A aparência, por sua vez, refere-se às inferências resultantes do status social da pessoa, do trabalho, das formas de diversão. A maneira diz respeito às inferências derivadas do papel que a pessoa vai desempenhar: uma maneira arrogante e agressiva pode dar a impressão de que ela espera ser a iniciante da interação e dirigirá o seu curso; uma maneira humilde e escusatória pode dar a impressão de que ela espera seguir o comando de outros ou pelo menos que pode ser levada a proceder assim.

Goffman (2002) explica ainda que, frequentemente, espera-se uma compatibilidade confirmadora entre aparência e maneira. Em outros termos, espera-se que as diferenças de situações sociais entre os indivíduos sejam expressas de algum modo por diferenças congruentes nas indicações dadas de um papel de interação esperado. Entretanto, aparência e maneira podem contradizer uma à outra, como acontece quando uma pessoa que parece ser de posição mais elevada que sua plateia age de maneira inesperadamente igualitária, íntima ou humilde, por exemplo.

Ele também ressalta que se espera certa coerência entre ambiente, aparência e maneira. Quando essa coerência não existe, ocorre uma quebra de expectativa, e isso pode despertar a atenção em uma cena comunicativa, levando os sujeitos a agirem de um determinado modo. Goffman (2002) ilustra essa afirmação citando o caso de uma revista que vendeu milhões de exemplares quando publicou o perfil do agente imobiliário que planejou a venda do Empire State Building, pois tratava-se de uma pessoa que morava em uma casa pequena, tinha um escritório pobre e não possuía sequer papel timbrado. Como podemos notar, o per-

fil desse agente não condiz de forma alguma com o perfil de um grande planejador.

Com o autor, destacamos que, em algumas situações, é natural que os indivíduos tomem para si uma fachada que não condiz com o papel que desempenham em determinada situação, no intuito de configurar uma organização social específica. Para ele, a criação de novas fachadas raramente ocorre; de modo geral, um sujeito, ao assumir um papel social, verifica que uma certa fachada já foi estabelecida para esse papel. Além disso, se o indivíduo assume um papel que é novo para ele e que ainda não está estabelecido na sociedade, ele provavelmente tenta modificar o conceito desse papel ou procura descobrir a existência de fachadas já estabelecidas, entre as quais escolherá uma.

Postulamos que as fachadas contribuem para a compreensão da construção de estereótipos sociais, na medida em que estes últimos se fincam na impressão imediata que se tem de determinada situação, com base no compartilhamento de atributos tipificados. Corroborando essa ideia, Pereira (2002, p. 45) observa que os estereótipos são “crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contêm informações não apenas sobre esses atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados”. Na mesma direção, Orlandi (2004) explica que os estereótipos categorizam e generalizam, esquematizando, de forma reduzida, a realidade, o que obviamente contribui, de um lado, para a instauração de preconceitos e, de outro, para a construção de situações tipificadas.

Neste artigo, não tratamos, especificamente, de preconceitos no sentido negativo que o termo pode gerar: preocupamo-nos mais com o fato de que os estereótipos decorrem do compartilhamento de crenças, de valores sociais em situações comunicativas tipificadas socialmente.

O *ethos* *discursivo*

Maingueneau (2020) argumenta que o *ethos* não se limita à dimensão persuasiva do discurso, pois relaciona-se intrinsecamente com o processo de adesão dos sujeitos à cena enunciativa instaurada pelo enunciador. A eficácia persuasiva decorre, então, da capacidade do autor do discurso em fazer com que o coenunciador se reconheça na expressividade do enunciador, que mobiliza valores historicamente constituídos. Nas palavras do autor, o *ethos* consiste em uma noção discursiva, que se constrói no e pelo discurso:

[...] não se trata de uma imagem do locutor externa à fala; ele está vinculado a um processo interativo de influência dos outros; é uma noção híbrida (sócio/discursiva), um comportamento social avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação histórica e socialmente determinada. (Maingueneau, 2020, p. 13)

Assim, o texto não deve ser visto apenas como um objeto de observação, mas como um processo interativo e dinâmico, construído na relação com o outro. Ele projeta representações do enunciador e envolve o coenunciador, levando este último a se integrar a um universo de significados. Desse modo, no processo de adesão não são considerados apenas os aspectos que remetem ao caráter daquele que enuncia, mas também aspectos relativos à sua corporalidade, concretizados, por exemplo, em suas roupas, seus gestos, na forma como move seu corpo no espaço social (Maingueneau, 2008).

O efeito de sentido causado pela articulação de aspectos psicológicos e “físicos” na constituição do *ethos* discursivo revela-se em uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser (Maingueneau, 2008). O caráter corresponde ao conjunto de traços psicológicos atribuídos ao enunciador em função do seu modo

de dizer, e a corporalidade remete a uma representação do corpo do enunciador. O caráter e a corporalidade devem ser entendidos como aspectos ligados a concepções historicamente atribuídas ao comportamento global do enunciador, ou seja, aos estereótipos ligados a ele.

Considerados o caráter e a corporalidade como componentes do *ethos* discursivo, cabe reiterar e enfatizar que sua constituição é de natureza híbrida, composta por fatores psicossociais, pluris-semióticos e históricos. Por isso, Maingueneau (2008) chama a atenção para o fato de que o *ethos* é criado e projetado em qualquer discurso, e apenas os elementos linguísticos não dão conta de delineá-lo, ainda que sejam, indiscutivelmente, componentes importantes em sua projeção. Para ele, a construção do *ethos* se inscreve na enunciação e não apenas no enunciado e, assim, está presente em qualquer tipo de texto (Maingueneau, 2008).

Nesse viés, Maingueneau (2020, p. 13) destaca que a noção de *ethos* se inscreve em uma “problemática da incorporação”. Ele utiliza o termo “incorporação” para nomear o processo pelo qual o destinatário se apropria do *ethos*, que ele denomina “fiador”, e a apropriação pode ocorrer em diferentes instâncias:

[...] a enunciação confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá corpo; o destinatário incorpora, assimila assim um conjunto de esquemas correspondentes a uma maneira específica de se relacionar com o mundo habitando seu próprio corpo; essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso. (Maingueneau, 2020, p. 14)

Tal processo vai além da simples identificação do destinatário com o enunciador que sustenta o discurso, já que envolve a inser-

ção de ambos em um universo ético, cujo acesso é ofertado pelo fiador. O universo ético é ativado durante a interação e constitui-se como um conjunto de representações que reúnem diversas situações estereotipadas, associadas a determinados comportamentos.

Ao relacionar o *ethos* discursivo à enunciação, Maingueneau (2020) observa que esta se desdobra em três níveis: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante refere-se ao que se entende por “tipo de discurso”, sendo definida como “o recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros de discurso” (Maingueneau, 2015, p. 118). Ela delimita o tipo de discurso – político, publicitário, científico, filosófico, pedagógico, literário, jornalístico – e estabelece os papéis dos interlocutores, bem como o espaço e o tempo da enunciação. Não podemos considerar, por exemplo, que uma cena pedagógica seja aplicável a qualquer sociedade ou época, pois ela não é suficiente para determinar as práticas discursivas dos sujeitos, sendo necessário considerar os gêneros de discurso, que constituem rituais próprios e definem as cenas genéricas.

As cenas genéricas, por sua vez, são aquelas que os participantes do discurso realmente percebem, pois estão diretamente ligadas à realidade concreta. Gêneros discursivos como artigo, ensaio e monografia são cenas genéricas que derivam do discurso científico, ou seja, da cena englobante. Maingueneau (2015, p. 120) explica que “as duas cenas definem o quadro cênico do texto, e é ele quem vai definir o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero do discurso”.

Por fim, a cenografia representa a forma como o enunciador escolhe se expressar. Trata-se de um processo dinâmico em que o discurso se desenvolve, instituindo a cena de enunciação que o legitima. Nela, o texto constrói uma imagem do enunciador e dos coenunciadores, situando-os em um tempo e espaço simbólicos

que sustentam e legitimam a enunciação. Então, o discurso não apenas transmite conteúdo, mas também encena sua própria produção, criando um cenário discursivo que define quem fala, para quem se fala e de onde se fala – elementos fundamentais para a eficiência comunicativa. Para Maingueneau (2008, p. 51),

[...] o discurso implica certa situação de enunciação, um ethos e um “código linguageiro” através dos quais se configura um mundo que, em retorno, os valida por sua própria emergência. O conteúdo aparece inseparável da cenografia que lhe dá suporte.

O código linguageiro representa tanto o registro quanto a dinâmica da linguagem. Nesse contexto, o discurso realiza simultaneamente duas funções: encena a enunciação por meio da cenografia e expressa a multiplicidade linguística por meio do código linguageiro. O resultado é um discurso que combina os elementos cenográficos com o código utilizado (Maingueneau, 2008).

Na enunciação, o *ethos* discursivo evidencia-se na junção de um *ethos* mostrado, apreendido pela maneira de falar, e de um *ethos* dito, projetado por quem enuncia. O *ethos* mostrado estará sempre presente no discurso por ser uma dimensão da enunciação, mas o *ethos* dito não, porque nem sempre quem enuncia fala de si.

Na perspectiva de Maingueneau (2020), ainda que o *ethos* esteja vinculado à enunciação, devemos considerar que sempre teremos uma representação de quem enuncia antes mesmo de enunciar, por isso o autor, observando a diversidade das situações de comunicação, faz a distinção entre *ethos* pré-discursivo e *ethos* discursivo. O *ethos* de um enunciador é projetado na interação entre o pré-discursivo, o discursivo e o dito.

Nesses termos, não podemos considerar o *ethos* discursivo da mesma maneira em qualquer texto, pois a incorporação não é um processo uniforme; ela se ajusta com base nos gêneros e nos tipos de discurso. Por exemplo, o *ethos* em um texto escrito não necessariamente estabelece uma relação direta com um fiador socialmente determinado, ele pode não se referir a um estereótipo social delimitado, pode ser suscetível de atingir categorias sociais muito diferentes. Dessa forma, Maingueneau alerta para o fato de que a adesão do coenunciador se dá por um apoio recíproco da cena de enunciação de que o *ethos* participa (Maingueneau, 2020).

Ao aderir à projeção do *ethos* construído na enunciação pelo enunciador, o coenunciador valida-o, considerando-o legítimo no cenário do qual emerge. Vale lembrar que tal validação se embasa no discurso enunciado; então, quando desse discurso emerge uma figura que representa o oposto do *ethos* pretendido pelo enunciador, temos o *antiethos*.

A noção de *antiethos* é construída por Maingueneau (1995) em *O contexto da obra literária* e, segundo ele, trata-se de um elemento constitutivo do discurso do enunciador. Juntos, *ethos* e *antiethos* indicam para o coenunciador, simultaneamente, atitudes a serem seguidas e outras a serem repelidas. Em um cenário político, por exemplo, o *antiethos* emergente do discurso do enunciador destina-se à “figura do adversário, como estratégia de crítica indireta e de maior valorização do seu próprio *ethos*. Apenas em casos de falha no ritual discursivo, o *antiethos* pode deslizar inconscientemente para o próprio sujeito político”, como bem apontam Passeti, Mareco e Arcine (2013, p. 130-131).

As concepções de *ethos* de Maingueneau e a abordagem de Goffman sobre as representações do eu na vida cotidiana mostram que o sujeito é formado tanto por meio de construções sociais quanto por encenações linguísticas, e não podemos deixar de

considerar que os fatores linguísticos configuram as construções sociais e vice-versa.

Com o avanço das tecnologias de comunicação, novas práticas discursivas despontam no ambiente digital, que requerem estudos sobre como se dá a construção do *ethos* na enunciação que emerge desse contexto. Na *web*, elementos visuais somam-se aos textos escritos, como *emoticons*, imagens, vídeos, fotos e publicidade, estreitando relações entre o verbal e o visual (Maingueneau, 2015). Em uma rede social como o Facebook, por exemplo, a construção do *ethos* não decorre simplesmente do perfil criado por um usuário (texto de apresentação que ele elabora para se apresentar aos outros), mas também da postagem de publicações, fotografias e vídeos, entre outros. Neste trabalho, consideramos somente as postagens de Marina Silva e os comentários decorrentes delas.

A construção do ethos no Facebook

Conforme mencionado, analisamos neste trabalho uma cena comunicativa da ministra do meio ambiente Marina Silva, com base em um *post* publicado por ela em 22/07/2025, em sua página no Facebook,² relativo à sua participação no VIII Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa, o qual foi selecionado de maneira aleatória.

A análise é de natureza qualitativa (Flick, 2004), em que descrevemos e analisamos recursos linguístico-discursivos da cena selecionada, reconhecendo a relação dialética que articula texto e contexto, no intuito de compreendermos como se constrói o *ethos*

2 Cf. <https://www.facebook.com/marinasilva.official>. Acesso em: 22 jul. 2025.

discursivo de Marina Silva. Para tanto, consideramos os seguintes critérios: cena englobante, cena genérica e cenografia.



Figura 1 – Postagem de Marina Silva no Facebook, em 22/07/2025, a respeito de sua participação em congresso de educação ambiental.

Fonte: Marina Silva (2025).

Compartilho um trecho da minha participação no VIII Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa, que ocorre em Manaus (AM) até a próxima sexta-feira (26/7), e reúne representantes de 10 países na Fundação Mathias Machline, local do evento.

Nesta edição, o Congresso teve como tema “Educação Ambiental e Ação Local: respostas à emergência climática, justiça ambiental, democracia e bem viver”. Para quem atua com educação ambiental, o momento é desafiador, uma vez que tudo o que falávamos que aconteceria há 30 ou 40 anos, já está

acontecendo agora. Contudo, ainda que com as dificuldades, o momento é de persistência para mostrar os caminhos que temos para enfrentar a crise climática. Um desses caminhos é olhar para o exemplo dos povos indígenas.

Além de fazer a palestra principal das atividades desta terça-feira, participei também da abertura do evento, nesta segunda-feira (21/7).

O encontro foi ainda uma oportunidade para me reunir com alguns representantes dos países presentes, como a ministra do Ambiente de Angola, Ana Paula de Carvalho Pereira; com o ministro do Ensino Superior, Ciência e Cultura do Timor-Leste, José Jerónimo; com o secretário de Estado do Ambiente de Moçambique, Gustavo Sobrinho Dgedge; e com o diretor de Ensino e Pesquisa da Fundação Mathias Machline, Marcos Roberto de Paula.

Marina Silva e seu ethos pré-discursivo

O sujeito enunciante nessa cena de enunciação é a ministra do meio ambiente Marina Silva (Maria Osmarina Marina da Silva Vaz de Lima), nascida em 8 de fevereiro de 1958, no seringal Baço, em Rio Branco, Acre. Filha de seringueiros, alfabetizou-se aos 16 anos e, posteriormente, cursou História na Universidade Federal do Acre, trabalhando como empregada doméstica.

Em 1988, ela foi eleita vereadora de Rio Branco, depois deputada estadual em 1990 e senadora em 1994, tornando-se a mais jovem senadora da história republicana brasileira. Foi ministra do meio ambiente entre 2003 e 2008, implementando, nessa função, políticas de combate ao desmatamento e mecanismos de defesa contra a exploração ambiental sustentável. Ganhou prêmios internacionais relevantes, como: Prêmio Goldman do Meio Ambiente em 1996; Champions of the Earth (ONU) em 2007; Medalha Duque de Edimburgo, entregue pelo príncipe Philip, em 2008, em Londres. Em 2023, Marina voltou a ocupar o cargo de ministra do

Meio Ambiente e Mudança do Clima e continua nessa função até o presente momento.

Tais informações auxiliam na construção de uma imagem prévia da ministra. Como bem aponta Maingueneau (2020), ainda que o *ethos* esteja vinculado à enunciação, não há como negar que sempre teremos uma representação de quem enuncia antes mesmo de enunciar. Esse ***ethos* pré-discursivo** (Maingueneau, 2020), constituído por uma trajetória marcada por superação, luta social e defesa do meio ambiente, embasa a construção de sentidos nos enunciados. No processo de adesão dos interlocutores à fala da ministra, estes consideram aspectos que remetem ao seu caráter (Maingueneau, 2008). Em outras palavras, a maneira de ser se articula com a maneira de dizer, ou seja, o caráter de alguém se relaciona a concepções historicamente atribuídas ao comportamento global do enunciador.

Cena englobante

Na enunciação em tela, **a cena englobante é política**, pois quem enuncia é a ministra do meio ambiente e mudança do clima. Segundo Maingueneau (2020, p. 119), uma cena englobante política implica uma relação em que um cidadão se dirige a outros cidadãos sobre temas de interesse coletivo. É justamente o que ocorre no discurso aqui analisado: a fala de Marina Silva é atravessada por outros discursos de interesse coletivo, em que ela busca legitimar a instituição da qual faz parte:

- Discurso ambientalista:

[1] *Para quem atua com educação ambiental, o momento é desafiador, uma vez que tudo o que falávamos que aconteceria há 30 ou 40 anos já está acontecendo agora.*

- Discurso de resistência e persistência:
[2] *Contudo, ainda que com as dificuldades, o momento é de persistência para mostrar os caminhos que temos para enfrentar a crise climática.*
- Discurso de valorização da população indígena:
[3] *Um desses caminhos é olhar para o exemplo dos povos indígenas.*

Em [1], [2] e [3], evidencia-se a preocupação de Marina Silva com a crise climática e com a necessidade de dar respostas imediatas para o problema ambiental. Ela procura apresentar uma imagem institucional engajada com a questão do meio ambiente, visando à mobilização social para a transformação da realidade. Nessa perspectiva, convoca educadores e ambientalistas, no intuito de mantê-los engajados mesmo diante das dificuldades. Além disso, valoriza os saberes da população indígena, reconhecendo-os como protetores do meio ambiente e, conseqüentemente, os conhecimentos que aplicam nesse universo.

- Discurso institucional:
[4] *O encontro foi ainda uma oportunidade para me reunir com alguns representantes dos países presentes, como a ministra do Ambiente de Angola, Ana Paula de Carvalho Pereira; com o ministro do Ensino Superior, Ciência e Cultura do Timor-Leste, José Jerónimo; com o secretário de Estado do Ambiente de Moçambique, Gustavo Sobrinho Dgedge; e com o diretor de Ensino e Pesquisa da Fundação Mathias Machline, Marcos Roberto de Paula.*

Em [4], ao se posicionar como palestrante principal que abre o evento em tela, a ministra reforça sua imagem de autoridade no assunto, reconhecida por autoridades de outros países. Na mesma direção, reforça a imagem da instituição da qual faz parte: o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima.

Cena genérica

A cena genérica é um *post* no Facebook, uma rede social online que, como sabemos, conecta pessoas de diferentes lugares do mundo, para divulgação de notícias e informações, entre outras finalidades. Nesse espaço, o usuário pode optar pela formação de grupos públicos ou privados. Nos públicos, qualquer pessoa tem acesso às suas postagens; nos privados, somente os que forem autorizados. Tanto em um quanto em outro os participantes podem deixar comentários sobre as publicações do usuário. O perfil da ministra é público.

À medida que os usuários vão fazendo as postagens, o grupo pode curtir, reagir com *emojis* ou comentar as mensagens em tempo síncrono ou assíncrono. Em seu perfil, Marina identifica-se como “Político, Ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Professora, ex-senadora pelo Acre, deputada federal eleita por São Paulo pela Rede Sustentabilidade (Rede)”. Ela possui 2 milhões e 100 mil seguidores.

De acordo com Maingueneau (2015, p. 120), a cena genérica é aquela que os participantes do discurso realmente percebem, pois está diretamente ligada à realidade concreta. Junto à cena englobante, define o espaço estável em que o enunciado adquire sentido – “o espaço do tipo e do gênero do discurso”. Temos aqui o tipo de discurso político materializado em um *post*.

No *post* constituinte desta cena genérica, a intenção da ministra é compartilhar sua comunicação, feita inicialmente para o Congresso, com aqueles que a seguem ou visitam seu perfil. Ao se valer de um *post* como gênero veiculador de seu discurso político, ela parece buscar a adesão de seus seguidores, projetando-se como alguém em sintonia com seu tempo, a par dos impactos das novas tecnologias da comunicação.

Cenografia

Como vimos anteriormente, a cenografia remete à forma escolhida pelo enunciador para se expressar. A cena de comunicação analisada ocorre em um ambiente digital, que proporciona aos usuários maior engajamento mesmo à distância, os quais podem enviar, curtir, comentar e compartilhar informações, valendo-se não só de signos verbais, mas também não verbais, como *emojis*, por exemplo.

No *post* veiculado por Marina Silva, ela compartilha, em um vídeo, um trecho de sua apresentação no VIII Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa, realizado em Manaus (AM). O evento, que reuniu representantes de dez países na Fundação Mathias Machline, teve como tema central Educação Ambiental e Ação Local: respostas à emergência climática, justiça ambiental, democracia e bem-viver, refletindo a complexidade e a urgência dos desafios contemporâneos. A Fundação Machline é uma instituição educacional sem fins lucrativos sediada em Manaus (AM).

Nessa cenografia a ministra constrói um discurso político, fundado, como já observamos, em um posicionamento em prol do ambientalismo, da resistência e da persistência, com enfoque na valorização da população indígena:

[5] *Para quem atua com educação ambiental, o momento é desafiador, uma vez que tudo o que falávamos que aconteceria há 30 ou 40 anos, já está acontecendo agora. Contudo, ainda que com as dificuldades, o momento é de persistência para mostrar os caminhos que temos para enfrentar a crise climática. Um desses caminhos é olhar para o exemplo dos povos indígenas.*

No trecho:

Para quem atua com educação ambiental, o momento é desafiador,

temos um período em que a ordem lógica das ideias foi invertida. Na hierarquização que caracteriza essa construção, evidencia-se, primeiramente, o papel da enunciadora como atuante na educação ambiental. Ainda que haja um apagamento da pessoa do discurso, o leitor remete esse papel à ministra, considerando que na próxima sequência ela emprega a primeira pessoa do plural:

[...] uma vez que tudo o que falávamos que aconteceria há 30 ou 40 anos, já está acontecendo agora.

Ao se valer da primeira pessoa do plural, seu intuito é o de produzir, provavelmente, um efeito de modéstia. Já o conectivo **uma vez que** introduz as causas para a sequência **o momento é desafiador**, revelando que não se trata de um problema novo: a ministra profetizou essas causas há trinta ou quarenta anos.

No excerto [5], observamos também que o conectivo **ainda que** imprime um sentido de ressalva, evidenciando que, apesar das dificuldades, Marina é persistente e capaz de vencer e enfrentar a crise climática:

Contudo, ainda que com dificuldades, o momento é de persistência para mostrar os caminhos que temos para enfrentar a crise climática.

Com base nos estudos de Goffman (2002) e Maingueneau (2005, 2008, 2015, 2020), postulamos que a projeção do *ethos* de Marina Silva é uma encenação previamente desenhada, cuja finalidade é levar seus coenunciadores a construírem uma imagem dela por meio de uma seleção estratégica de atividades, com vistas a uma determinada reação. Nesse sentido, Goffman observa que um sujeito apresenta uma imagem de si com base no objetivo da interação, na qual, como um ator, investe-se de uma personagem e constrói um “eu” que se revela na cena comunicativa. Maingueneau, por sua vez, destaca que o discurso é configurado pela situação de enunciação, pelo *ethos* e por um código linguageiro, elementos configuradores de um mundo que os legitima. Assim,

“o conteúdo aparece inseparável da cenografia que lhe dá suporte” (Maingueneau, 2008, p. 51).

Ethos

Porém, a noção de *ethos* não se configura apenas em um discurso estratégico e persuasivo (Maingueneau, 2020) como o que analisamos acima, pois a projeção da imagem não é uma responsabilidade apenas do enunciador: configura-se em um processo de adesão dos sujeitos a uma posição discursiva que surge na cena enunciativa.

Dessa maneira, além do *post* da ministra Marina Silva, é necessário analisarmos os comentários dos usuários que interagiram com a postagem. Verificamos que a maior parte deles apresenta elogios que destacam sua coragem e seu papel inspirador:

[6] *Marina Silva! Uma entre as nossas poucas, mas grandes guerreiras!*

[7] *Mulher guerreira te admiro muito* 

[8] *Marina você é muito importante para o povo brasileiro na conservação do meio ambiente.*

[9] *Grande ministra Marina Silva. Os verdadeiros patriotas brasileiros estão com você. Força para continuar a lutar pelo meio ambiente!*

Tais enunciados corroboram e reforçam a imagem transmitida pela própria ministra, legitimando sua atuação positiva no cargo institucional, em decorrência do *ethos* mostrado (Maingueneau, 2008) em seu discurso.

Já os comentários a seguir apontam para um *antiethos* com idealismo focado somente em questões de meio ambiente, que nada resolvem os problemas reais da sociedade, inclusive dos indígenas:

[10] *Precisa de saneamento básico!!! Se não cuida do desenvolvimento do povo que vive por lá, não tem como cuidar da floresta!!*

[11] *Marina com todo respeito. quando se fala de indio de verdade. nao de pessoas que se disem indios e vive as custa do dinheiro publico.*

[12] *E Amazonas só queimando. Misericórdia*

Tais excertos apontam para a necessidade de a ministra ampliar o seu discurso para questões sociais mais concretas, que demandam esforço do poder público e, ao que parece, são negligenciadas pelas autoridades institucionais como a própria Marina Silva.

Por fim, observamos também alguns comentários que, além de não legitimarem a imagem institucional transmitida pela ministra, atribuem sentidos pejorativos à sua imagem pessoal:

[13] *Você vai pescar no Rio Tietê. Kkk.*

[14] *Calada tá errada.*

[15] *Baita de um sem.vergonha... assim como Alckmin e a tebet.*

[16] *O que essa peça de museu tá falando aí.*

[17] *Olha a ministra das zinzas.*

[18] *Socorro kkkkk.*

Nos comentários de [13] a [18], verificamos a tentativa de atacarem Marina Silva de maneira ofensiva. Na verdade, os comentários de [10] a [18] parecem, de modo geral, associar a imagem da ministra com a imagem estereotipada dos políticos no Brasil: incompetentes; descomprometidos com os problemas da população, já que governam em causa própria; corruptos etc. Segundo Maingueneau (2020, p. 70), “fazer de um locutor um simples membro de uma coletividade tem por natureza valor de desqualificação”, afinal sua individualidade é apagada e ele é colocado como parte de um grupo estereotipado, visando enfraquecer sua argumentação. Nesse prisma, o foco deixa de ser o conteúdo e passa a ser aquele que enuncia.

A análise realizada ratifica que o *ethos* discursivo é construído em um processo de negociação com o interlocutor, cuja imagem

transmitida pelo enunciador é atravessada por interpretações do coenunciador pautadas em subjetividades que podem legitimar ou não um discurso. Tendo em vista os estudos de Goffman (2002), compreendemos que a imagem transmitida da ministra é interpretada como sendo incoerente por alguns, revelando-se em um *antiethos*. Com Passeti, Mareco e Arcine (2013), ratificamos que o *antiethos* pode decorrer de falhas no ritual discursivo. Daí considerarmos que Marina Silva deve ajustar o seu discurso tendo em vista a imagem estereotipada que muitos brasileiros fazem dos políticos do país.

Conclusão

Neste estudo, observamos que o *ethos* discursivo é construído e negociado na interação entre enunciador e coenunciador. Por meio de estratégias linguísticas, a postagem da ministra Marina Silva em sua página na rede social Facebook projeta sua imagem de autoridade ética, comprometida com o meio ambiente, os povos indígenas e outros problemas de interesse coletivo relacionados à sua pasta. No entanto, os comentários dos usuários revelam leituras múltiplas, que ora reforçam, ora tensionam essa imagem. A dinâmica evidencia que o *ethos* ultrapassa o âmbito do enunciado e emerge na enunciação, permeado por subjetividades e posicionamentos ideológicos.

Referências

- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Variações sobre o ethos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.
- MARINA SILVA. *Compartilho um trecho da minha participação no VIII Congresso Internacional de Educação Ambiental....* [Post]. Facebook, 22 jul. 2025. Disponível em: <https://www.facebook.com/marinasilva.official/videos/1257222722615873/>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- ORLANDI, Eni P. *Cidade dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2004.
- PASSETI, Maria Célia C.; MARECO, Raquel T. M.; ARCINE, Raquel F. *Ethos e antiethos de Dilma Rousseff e José Serra em aforizações na imprensa nacional*. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 125-147, 2013.
- PEREIRA, Marília D. E. S. *Ethos em rede: dinâmicas, apropriações e implicações éticas do ethos conectado no Facebook*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Prática de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2016.
- PEREIRA, Marcos E. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EPU, 2002.

